

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



**O CASTIGO DO
DESTINO**

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



O CASTIGO DO DESTINO

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Biblioteca Nacional



RUA VISCONDE DE PARNAIBA, 3042 a 3050
FONE: 92-7613 — SÃO PAULO-6
Inscrição C. G. C. N.º 60.856.994

O CASTIGO DO DESTINO



Há muitos anos atrás,
Sôbre o reino de Apinino,
Desabou uma desgraça,
Como um decreto assassino,
Que todos diziam ser
"O Castigo do Destino".

Adoeceu de repente
A rainha Margarida
Que teve em poucos minutos
O corpo aberto em ferida,
A carne virando em água
Ia sendo consumida.

Também caiu acamada
A princesa Serafina,
Começou crescendo o bucho,
A ventia ficando fina,
Nenhum doutor descobria
A moléstia da menina.

O velho rei Agripino
Um choque o paralisou
Da cintura para cima,
A circulação parou,
Com o monarca acamado,
A tragédia completou.

Chamados diversos médicos,
Cientistas afamados;
Rainha, rei e princesa,
Depois de examinados,
Não foi descoberto nada,
Ficaram desenganados.

Já sem jeito, aquêles médicos
Pegaram logo o transporte,
Deixando os três castigados
Entregues à própria sorte,
Sem esperança, sem fé,
Sômente esperando a morte.

Porém existe um ditado
 Que traz a expectativa...
 "Enquanto há vida, há esperança"
 E nessa perspectiva,
 O rei Agripino fêz
 A última tentativa...

Assinou logo um edito,
 Dizendo: "qualquer pessoa
 Que descobrir um remédio
 Com que faça ficar boa
 Tôda a família real,
 Em paga, ganha a coroa".

Continuava o edito:
 "Se fôr um rapaz solteiro,
 Seja pobre ou seja rico,
 Nacional, estrangeiro,
 Casará com Serafina
 Como meu real herdeiro.

Com essa notícia, agora,
 Choviam aventureiros
 Vindos de tôdas as partes,
 Até mesmo curandeiros,
 Com remédios "milagrosos"
 De países estrangeiros.

De vinle a trinta pessoas
 Todos os dias chegavam,
 Trazendo medicamentos,
 Três, quatro dias lutavam,
 Porém, do jeito que vinham,
 Sem resultado, voltavam.

Enquanto isso a princesa
 Continuava engordando,
 As feridas da rainha
 De mais a mais aumentando,
 E o corpo do soberano
 Aos poucos paralisando.

No reino, com poucas léguas,
 Um camponês existia,
 Com três filhos e a espôsa,
 Lutando de noite a dia,
 Dentro da maior pobreza,
 Essa família vivia.

Simão era o camponês,
A esposa Salomé,
Os filhos eram chamados
Enéias, João e José,
Na pobreza que viviam,
Se alimentavam da fé.

As safras eram pequenas
Sómente porque Enéias,
Sendo o caçula, mimado,
Sonhava com epopéias,
E tinha para os demais
As mais estranhas idéias.

Enéias com vinte anos,
Não queria trabalhar,
Só vivia pelo mato
Como um maluco a falar,
Ninguém sabia com quem
Ele ia confabular.

Quando o pai lhe perguntava
O que ele andava fazendo,
Pelo mato, respondia
Que lá estava aprendendo,
No livro da natureza,
As coisas mais belas lendo.

— Que coisas belas são essas
Que só você compreende?
— Não adianta, meu pai,
O senhor não as entende!
Se eu disser passo por louco
Porque ninguém me defende.

Mas o velho replicava:
— Você é um mentiroso,
Sem caráter, sem-vergonha,
Vagabundo, preguiçoso,
Que se esconde do trabalho,
Se fazendo de mimoso...

Porém Enéias, bem calmo,
Respondia: — Isso eu não mudo,
Enquanto o senhor blasfema,
Continuo no meu estudo,
Quando tirar o diploma
O senhor saberá tudo...

Pelas últimas lições,
 Se não falhar a verdade,
 Dentro de dois a seis meses,
 Eu terei autoridade,
 Serei coroado rei,
 Pela real majestade.

Agora, o velho Simão,
 Quase que dava um papoco,
 Salomé disse: — Meu filho,
 Você é mais do que louco,
 Se o rei souber dessa história
 Manda matá-lo, acha pouco?

Enéias deu uma risada,
 Dizendo: — Não tenha medo,
 Vou apressar os estudos
 Para que seja o mais cedo
 Possível o descobrimento
 Do mistério do segrêdo.

O velho disse: — Meu filho,
 Nessa sua vida sonsa,
 Você pelo mato pode
 Cair numa geringonça
 E terminar seus estudos
 Na barriga de uma onça.

Enéias disse: — Meu pai,
 Eu sei o que estou fazendo,
 Enquanto o senhor não sabe
 Nada do que está dizendo,
 Quando fôr feito o "milagre"
 Todos ficarão sabendo.

Aqui precisamos dar
 Uma explicação do fato,
 Porque o leitor precisa
 Conhecer o ponto exato,
 O que era que Enéias
 Fazia dentro do mato.

O que êle fazia era,
 Nada menos, nada mais,
 Que aptender a linguagem
 De todos os animais,
 Compreendendo aos poucos
 Os sentidos naturais.



Entendia os animais,
Quase que perfeitamente,
Da formiga ao elefante,
Faltando, apenas, somente,
Alguns poucos dialetos
Do passado e do presente.

Compreendia dos pássaros
As gírias quase completas,
Gostava das poesias
Dos passarinhos poetas,
Entendia as profecias
Daqueles que eram profetas.

Porém o velho Simão,
Apertado pela fome,
Chamou Enéias e disse:
— A preguiça lhe consome,
Agora ou você trabalha
Ou do contrário não come!

Na frente do pai, Enéias
Foi para a roça obrigado,
Os dois irmãos trabalhavam,
Ele ficava parado,
Escutando os passarinhos,
Lá num aceiro sentado.

Enéias um dia ouviu
Duas araras falando,
Sôbre as coisas do futuro,
Estavam profetizando,
Quando êle compreendeu
Saiu sorrindo e cantando.

O velho que já vivia
Com êle no pé da goela,
Pegou-o pela bertura,
Deu-lhe uma sacudidela:
— Por que foi que você deu
Uma risada daquela?

- - Nada, meu pai, não foi nada,
Eu nada posso contar,
O senhor não acredita
No que acabam de falar
Aqueles duas araras!...
É capaz de me matar!...

O velho como resposta
Disse: — Você vai dizer,
Seja verdade ou mentira,
Diga que eu quero saber,
Essa sua maluquice
Já me faz enlouquecer!...

Enéias disse: — Pois bem,
Preste-me tôda atenção:
Elas estavam dizendo
Que tenho a grande missão
De abandonar o senhor
Para salvar a nação...

Eu não sei como, porém,
Hoje mesmo irei embora
Porque as duas disseram
Que tinha de ser agora,
Qualquer atraso no tempo
Podia passar da hora.

Disseram que na viagem
Elas me acompanhariam,
Para o meu completo êxito,
Meu destino guiariam
E tudo que me faltasse,
No caminho me diriam.

Disseram mais que meu pai
Há de ajoelhar-se no chão,
Curvado, beijar meus pés,
Sem olhar minha feição,
Para pagar as pancadas
Que me deu sem ter razão.

O velho ouvindo a história,
Como quem se desaponta,
Disse: — Você está maluco.
Vagabundo, bêsta tonta?
Vou lhe dar mais uma surra
Para aumentar minha conta.

Quando levantou o braço,
Com o cabo da enxada,
Enéias já ia longe,
Numa volta da estrada,
De lá disse: — Adeus, meu pai,
Até a hora marcada!...

O rapaz nessa carreira,
Em menos de meia hora,
Chegou em casa dizendo:
— Desta vez eu vou embora,
Mamãe me acuda depressa
Se não papai me devora!

Salomé disse: — Meu filho,
O que foi que aconteceu?
Ele disse: — Foi meu pai
Que não me compreendeu,
Quis me matar com a enxada
Parece que enlouqueceu!

A velha sabendo tudo,
Fêz a sua obrigação,
Preparou uma mochila,
Com carne, farinha e pão,
Deu a Enéias dizendo:
— Vá cumprir sua missão.

Assim que Enéias saiu,
O velho Simão chegou
Perguntando pelo filho,
Salomé disse: — Escapou...
Foi embora agora mesmo,
O que foi que se passou?

Simão disse: — Aquêlê filho
 Tem um espírito mau,
 Eu vinha nas costas dêle
 Fazer agora um sarau,
 Dar-lhe uma surra e deixá-lo
 Mais mole do que mingau.

Veja você a que ponto
 Chegou êsse mandrião,
 Ameaçou-me dizendo:
 — O senhor tem por missão
 Curvar-se e beijar meus pés,
 Ralando os joelhos no chão.

Êsse rapaz é um louco,
 Nem sequer vou procurá-lo,
 Pela mania que tem,
 A preguiça vai forçá-lo
 A viver dentro do mato
 Para uma onça almoçá-lo.

Salomé disse: — Meu velho,
 Você não sabe o que diz,
 Meu filho é inteligente,
 Vai percorrer o país,
 Deus há de guiar seus passos
 Para êle ser bem feliz.

Enquanto êles discutiam,
 O sol ia se escondendo,
 A côrte ficava longe,
 Encías ia correndo,
 Simão não adivinhava
 O que estava acontecendo.

Com muitas léguas distante,
 Encías caiu cansado,
 Sobre o tronco de uma árvore,
 Não suportando o enfado,
 Dormiu igualmente um justo
 Por animais rodeado.

Enquanto o rapaz dormia,
 Os animais numa festa
 Ficaram de sentinela,
 Desde a estrada à floresta,
 Quando êle se acordou disse:
 Nunca vi uma coisa destal

Pois centenas de animais
Alegremente falavam
Contando belas histórias
Enquanto muitos cantavam,
Os passarinhos felizes
Nas ramagens gorjeavam.

Quando foi se levantando
Ouviu uma voz em cântico:
— Viva o rei, viva o monarca,
Dono do maior tesouro,
Que breve estará sentado
Em uma cadeira de ouro.

Enéias ficou pasmado,
Com os gritos, quase mudo,
Pensou consigo: meu Deus,
Meu pai me chamou de louco,
Parece que estou mesmo
Ou está faltando pouco.

Porém voltando a si disse:
— Não estou louco e agora
Vou partir mais apressado
Se não vai passar da hora,
Deu adeus aos animais
E correu de mundo afora.



Seguia impressionado,
Com aquêlê acontecido
Porque as duas araras
Que lhe haviam prometido
Guiá-lo pelo caminho,
Não lhe tinham aparecido.

Porém mesmo assim seguia
Cheio de fé e coragem,
Ao meio-dia sentou-se,
Já cansado da viagem,
À sombra de um arvoredô
De uma frondosa ramagem.

Estava fazendo o lanche
Quando ouviu uma gargalhada,
Levantando a vista viu,
Ocultas numa ramada,
Estavam as duas araras
Numa conversa animada.

Uma disse: — Daqui ouço
Às badaladas do sino
Da famosa catedral,
Junto à côrte de Apinino
Onde a família real
Sofre na mão do destino.

A outra disse: — É verdade,
Essa família orgulhosa,
Paga pela soberbia
A pena mais horrorosa,
Porém já vem despontando
Uma aurora côr-de-rosa.

Ora, o destino implacável,
Baixou a mão da justiça,
Tornou o rei paralítico,
Fêz a rainha em carniça,
A princesa "gorda à fôrça"
Humilhada e submissa.

Porém êsses ferimentos
Da rainha Margarida
frão ser logo curados,
Não ficando uma ferida,
Voltando a pele sedosa,
Fina, rejuvenescida.

O rei também ficará
Livre da paralisia,
A princesa Serafina
Que passou tanta agonia,
Será curada também
Sem precisar cirurgia.

Sôbre o caso da princesa
Corre na côrte um boato,
Que a doença é gravidez,
Não é verdade êsse fato,
Ela está docente mesmo,
Falta é um remédio exato.

Para o monarca e a rainha
O remédio é um sômente,
Tirado da mesma fonte,
Aplicado frio ou quente,
Porém para a princesinha
A meizinha é diferente...

Tem no jardim do palácio
Uma planta "milagrosa"
Que produz uma flor roxa,
Uma ramagem frondosa,
A casca daquela árvore
Tem uma fôrça assombrosa.

Cura diversas moléstias,
Mesmo as mais desconhecidas
Dos maiores cientistas,
E pode salvar às vidas
Do monarca e da rainha,
Que estão sendo consumidas.

Para curar a rainha,
Pega o entrecasco urgente
Torra, pisa e faz o pó
Bem fino, fica excelente,
E semeia nas feridas
Sara tudo de repente.

Para o rei, o entrecasco
É sômente cozinhado,
Depois pega a água quente
Dá-lhe um banho demorado
E com cobertas de lã
Deixa êle bem abafado.

Vinte minutos depois,
Tudo está realizado...
Pode tirar as cobertas,
O monarca está curado,
Com todos os movimentos,
O corpo recuperado...

Agora, para a princesa,
O remédio é diferente,
É só deitá-lo de bruços
Depois pôr na sua frente,
Numa vasilha de louça,
Dois litros de leite quente.

Assim que o bafo do leite
Penetrar na venta dela,
Sob muitas convulsões,
Dá um passamento nela
E surge na sua bôca
Uma cabeça amarela.

Uma tênia monstruosa,
Pouco a pouco vai saindo,
Atraída pelo leite,
Que ao cheiro não resistindo,
Vai se afastando a vasilha
E ela sedenta seguindo.

A pessoa que estiver
Com a vasilha na mão,
Vai se afastando à medida
Que houver aproximação
Da monstra que vai ficando
Tôda estirada no chão.

Assim ela vai saindo,
Acompanhando a pessoa,
Até que sairá tôda
Quando morrerá à toa,
Porém em compensação
A princesa fica boa.

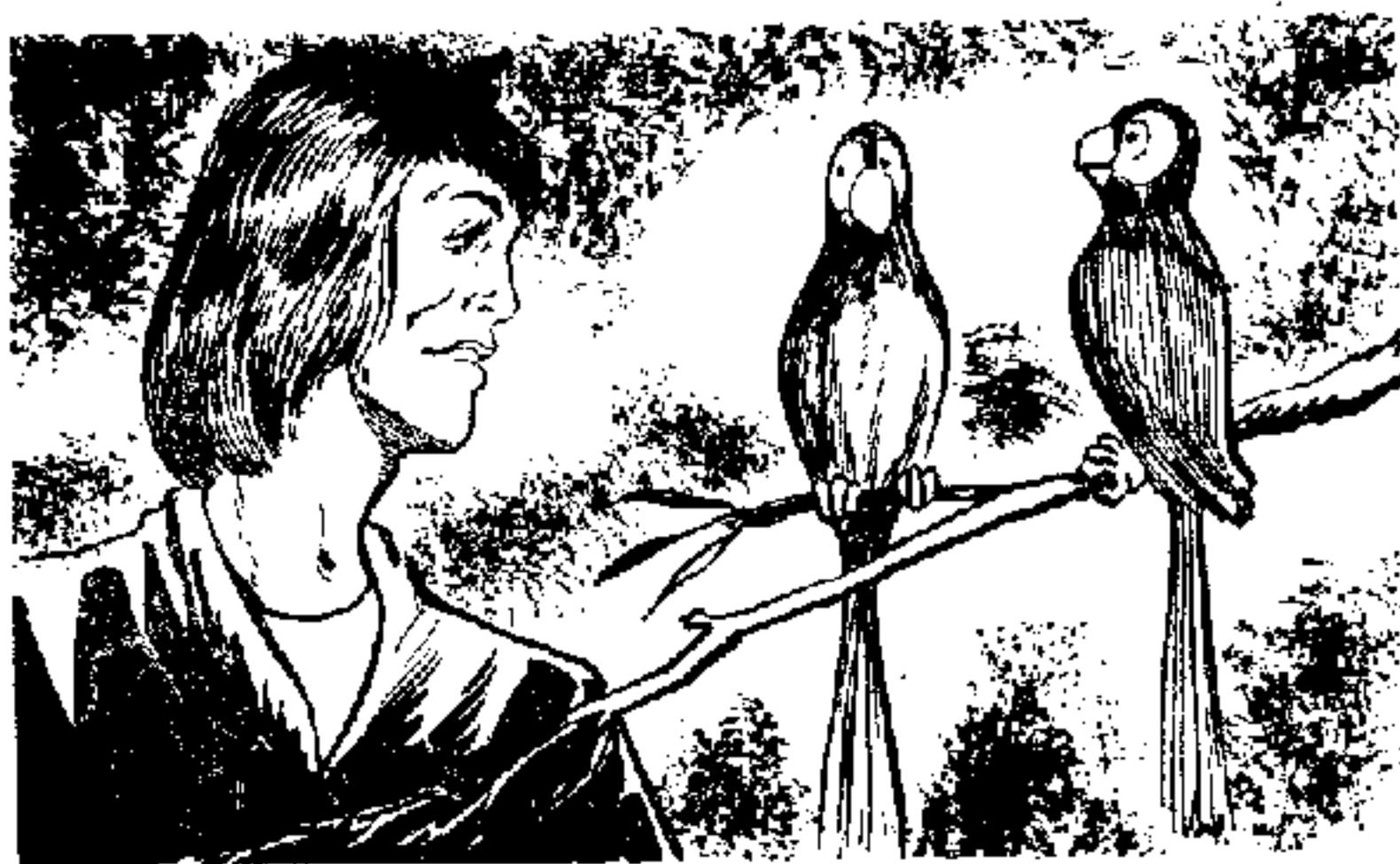
— O que é tênia? Interroga
A outra arara presente
— A tênia ou solitária
É um verme repelente,
Que tem numerosas juntas,
Parecendo uma corrente.

Algumas até atingem,
Com estranha rapidez,
Vinte metros de tamanho,
Não tem sido uma só vez
Que mulheres têm sofrido
A pecha de gravidez.

Quem fizer tudo que eu disse,
Na parte medicinal,
Cura a família reinante
De todo o estranho mal,
Casa-se com a princesa,
Recebe o cetro real.

Enéias quando ouviu tudo,
Ficou zozzo, quase mouco,
Partiu e para seus pés
Todo caminho era pouco,
Dizendo: agora, meu pai
Vai ver que eu nunca fui louco.

Era grande o movimento
Quando chegou na cidade,
Encontrou um homem loiro,
Parecendo autoridade,
Perguntou-lhe onde ficava
A côrte da majestade.



O homem loiro que era
 O conde Eli Monteval
 Perguntou: — O que deseja,
 Você, na côrte, afinal?...
 — É porque trago a saúde
 Para a familia real.

O conde pensou consigo:
 Meu Deus do céu, Pai Eterno!
 De onde foi que saiu êste?
 Vou pô-lo no meu caderno,
 Ou tirei a sorte grande,
 Ou vou parar no inferno!

O conde disse ao rapaz:
 — Venha comigo, eu ensino,
 Porém tinha arquitetado
 Um plano atro assassino,
 Pensando apagar a vela
 No castiçal do destino.

Porque o conde pensava
 Para o seu quarto levá-lo,
 Lá arrancar o segrêdo,
 Depois com jeito enganá-lo,
 Dá-lhe vinho com veneno,
 Fatalmente liquidá-lo.

Assim, enganando Enéias,
 Na mesma hora levou-o
 Para o seu apartamento,
 Porém o diabo enganou-o,
 Meteu a colher no meio,
 A ganância castigou-o...

Chegando pediu ao môço
 Que lhe fôsse pontual,
 Dizendo o medicamento
 Que trazia para o mal
 Estranho que fulminava
 Tôda a familia real.

Dizendo: — Quando você
 Contar-me tôda a verdade,
 Eu mesmo vou conduzi-lo
 Até vossa majestade
 Para que lá você possa
 Curar tôda a enfermidade.

Porém dizia consigo:
Quando eu tiver a certeza
Do remédio milagroso,
Terás como gentileza
Um copo cheio de veneno
E eu fico com a princesa.

Enéias sem perceber
Caiu dentro da esparrela,
Quando acabou de contar
A sua história singela,
Viu as araras pensarem
No batente da janela.

Uma disse para a outra:
— Nós precisamos salvá-lo,
Estás vendo aquêlo conde?
Ele quer envenená-lo,
Ficar com o seu segredo
E depois utilizá-lo...

Enéias tem que tomar
Muita atenção e cuidado,
O conde já vai buscar,
Num armário reservado,
Dois copos cheios de vinho
Um bom, outro envenenado.

Quando pôr os dois na mesa,
Puxa logo um para êle,
Enéias tem que pregar
Nessa hora um susto nêle,
Fazê-lo mudar a vista
E trocar o copo dêle.

Quando êle beber o vinho
Cai duro, morto no chão,
Enéias rapidamente
Tem que ter disposição,
Agir com sagacidade,
Fazer a transformação...

Tirar as jóias do morto,
Trocar as roupas com êle,
Com documentos e tudo,
Usar os pertences dêle...
Tôdas as coisas do conde
Dão perfeitamente nêle...

Depois da transformação,
A mágica aconteceu...
Enéias passa a ser conde,
Com tudo que era seu...
Para todos os efeitos
Enéias foi quem morreu...

Enéias ouvindo tudo
Entendeu bem a "história"...
O conde disse: — Rapaz,
Você já está na glória...
Vamos beber a saúde
Da sua grande vitória.

Levantou-se e foi pensando:
Espera aí vagabundo,
Eu acerto a tua vida,
Em pouco mais de um segundo,
O teu corpo está na terra
E a alma no outro mundo.

Quando êle saiu, Enéias
Ficou pensando na sorte,
Porém a arara disse:
— Tenha calma, seja forte,
Se lhe faltar a coragem
Entra na boca da morte!

Nisso o conde foi chegando
Com os dois copos na mão,
Quando foi pondo na mesa,
Enéias disse: . . . Patrão!...
Veja que belas araras
Naquela janela estão!...

Com o espanto do moço,
O conde a vista mudou,
Enéias com a mão tremendo
O copo dêle trocou
Pelo do conde que nada
No momento observou.

O conde olhando as araras,
A troca não percebeu,
Voltando pegou o copo,
Enéias pegou o seu...
No ar os dois tilintaram,
Depois cada um bebeu.

O conde engolindo o vinho
Gritou alegre uma arara:
— Cai no fogo do inferno
Quem a má cama prepara,
“Quando pensa que se benze,
Cai de costas, quebra a cara”.

Confirmando essas palavras
De fato, o conde caiu,
Boca aberta, olhos fechados,
Já morto nem se bolou,
Enéias com toda a pressa
A sua missão cumpriu.

Tirou-lhe todas as vestes,
Os apetrechos bonitos,
Trajou-se, pôs as insígnias.
Como num sonho de milos,
Transformou-se num fidalgo
Com todos os requisitos.

Enquanto o conde do conde,
Inanimado no chão,
Vestindo a roupa de Enéias,
Com a documentação,
Transformou-se num mendigo
Sem merecer atenção...

Enéias que se tornou,
Por forças desconhecidas,
O conde Eli Monteval,
Para salvar as três vidas,
Foi recebido na corte
Com as honras merecidas.

Um dos criados do conde,
Entrando na sala achou
Um homem morto no chão,
Pelo seu amo chamou
Porém não o encontrando,
Caiu fora e alarmou...

A policia foi chamada
Para a pericia legal
Porém ficou constatado
Que o conde Eli Monteval
Há pouco havia saído
Para o palácio real.

Na vistoria do corpo
 O documento encontrado
 Dizia que se chamava
 Enéias Simão Machado,
 A causa da morte tinha
 Sido vinho envenenado.

Rápidamente a policia
 Foi ao palácio real,
 Lá deu a notícia triste
 Ao "conde Eli Monteval"
 Que se mostrando hem calmo
 Deu a palavra final:

— Eu vinha sendo roubado,
 Por um malandro vilão,
 Nas minhas bebidas finas,
 Preparei um alcapão...
 Botei veneno no vinho
 Para matar o ladrão.

Não tem mais o que saber,
 O ladrão suicidou-se,
 Só resta agora enterrá-lo,
 Dêle a sorte encarregou-se,
 Muito obrigado por tudo,
 Mais um bandido acabou-se.

Assim o corpo do conde
 Num caixão foi colocado,
 Com o documento de Enéias,
 A tarde foi sepultado
 E não foi reconhecido
 Nem sequer por um criado.

Depois a notícia foi
 Até ao velho Simão
 Que sentiu uma facada
 Abrir o seu coração,
 Em saber que o filho tinha
 Morrído como ladrão.

Porém disse a Salomé:
 — Por êle a ninguém pergunto,
 Não quero ouvir mais conversa
 Nem comentar o assunto,
 Eis a sua profecia...
 Em vez de rei, foi defunto.

Nunca pode ser feliz
Quem vive sem trabalhar,
Quando a fome aperta às tripas,
O jeito mesmo é roubar
E depois ser prèso ou morto
Para o seu crime pagar.

Sabendo a morte de Enéias,
Todos da casa sofreram,
O pai, a mãe, os irmãos,
Em pranto se derreteram,
De verem o rapaz vivo,
As esperanças perderam.

Enquanto isso na cõrte,
A esperança voltou,
O "conde" foi no jardim
O entrecasco tirou
Do pau que tinha a flor roxa
E o remédio preparou...

Nas feridas da rainha
Foi o pó fino aplicado,
Pelas damas enfermeiras,
Como foi recomendado,
Pelo "conde" "cientista"
Para dar bom resultado.

No rei, o medicamento,
Aplicado em banho quente,
Num efeito milagroso,
Promoveu rapidamente
Os movimentos normais
De todo o corpo doente.

Agora os dois soberanos
Em plena convalescença,
O "conde" vendo a verdade
Robusteceu sua crença
Para salvar a princesa
Daquela estranha doença.

Enéias bancando o conde
Tinha tôda a regalia,
A sua voz de comando
Todo mundo obedecia,
Era ordem do monarca
Quem recusasse morria.

Convocou as enfermeiras,
 Pediu fôrças a Jesus,
 Foi ao quarto da princesa
 Lá fez o sinal da cruz,
 Serafina parecia
 Que já ia dar a luz.

Pôs a princesa de bruços
 Com a cabeça pendendo,
 Um pouco fora da cama,
 Duas amas suspendendo,
 Uma vasilha na frente
 Cheia de leite fervendo.

Porém quando penetrou
 O cheiro do leite quente,
 Com tôda a sua pujança,
 Nas narinas da doente,
 Houve uma revolução
 Que quase corria gente.

Porque nessa hora o corpo
 Da princesa estremeceu,
 Em convulsão sucessivas,
 Tôda a carne se mexeu,
 Dando diversos estalos,
 A barriga se tremeu...

As enfermeiras pegadas
 Vendo a môça se mexer,
 Gemendo, virando os olhos,
 Como quem ia morrer,
 Até Enéias com mêdo
 Deu vontade de correr.

Porém no mesmo momento,
 Nela um passamento deu,
 O corpo paralisou,
 O assombroso aconteceu...
 Uma cabeça esquisita
 Pela bôca apareceu.

Era a solitária monstra
 Que o cheiro não suportando,
 Saía em busca do leite,
 Lentamente ia avançando,
 Enéias com a vasilha
 Pouco a pouco se afastando.

Sain andando de costas
Com a vasilha na mão,
Atravessou uma sala,
Depois um grande salão,
Passou na biblioteca,
Entrou pelo pavilhão...

Já estava dando a volta
Quando uma dama chegou
Correndo e lhe disse: — Pare!
Nossa luta terminou,
A "cobra" já saiu tôda
E Serafina tornou...

Enéias voltou correndo
Deixando no pavilhão
Vasilha com leite e tudo,
E a ténia já sem ação
Com mais de dezoito metros
Tôda estirada no chão.

Quando o môço entrou no quarto
Viu a princesa cansada,
Sôbre as mãos das enfermeiras,
Já quase recuperada,
Olhou a sua estrutura,
De bucho não tinha nada.

A ténia tinha morrido,
Havia perdido a guerra,
Foi recolhida ao jardim,
Botada em cima da terra
Ficou um monte de "cobra"
Que parecia uma serra.

Enéias olhando o monte
Da monstruosa serpente,
Disse: — Eu não sei como entra
Tal bicho dentro da gente,
Como cabe tanta coisa
Numa barriga sômente.

A ténia foi sepultada
Lá num canto do jardim,
Enquanto na côrte, o rei
Do seu trono de marfim,
Já preparava uma festa
Como nunca houve assim.

Dentro de poucos minutos,
Tudo estava organizado,
As tropas de prontidão,
O nálcio embandeirado,
Pelos arautos da cõrte,
O povo era convidado.

Para num ato solene,
Numa cerimõnia forte,
Ser apresentado ao povo
O herói que trouxe a sorte
De salvar tôda a família
Real da foice da morte.

Na hora da cerimõnia,
Os foguetes espoucaram,
As tropas em continência
Pelo palanque passaram,
Todo o povo bateu palmas,
As fortalezas salvaram.

O rei disse: Eis o herói,
O "conde Eli Monteval",
Que salvou os soberanos,
Da condenação fatal,
Para casar com a princesa
Ganhou o cetro real.

O povo gritou em massa:
— Viva o "conde" salvador,
Viva o rei, viva a rainha
Neste dia de esplendor,
Viva a princesa nubente
Do nosso nôvo senhor.

Enéias nesse momento,
Num alvoroço daquele,
Estava quase maluco,
Não sabia se era êle...
Se era o "conde" ou quem era
Que estavam falando dêle.

A princesa o avisava,
Quando o chamavam de "conde",
Dizia: — Estão lhe chamando,
Por que você não responde?
Êle dizia: — Ham... Hem... Hum...
Estão me chamando, aonde?

Era quando se lembrava
Do que tinha acontecido,
Respondia alegremente,
Porém ficava aturdido
Porque já não entendia
Qual dos dois tinha morrido.

Porque êle — Enéias — Tinha
Sido morto e sepultado,
O nome porque o corpo
Era o homenageado,
Com o nome vivo do conde
Que tinha o corpo enterrado.

Enquanto isso o monarca
Perante a côrte marcou
O dia do casamento
E para o "conde" passou
O poder executivo,
Todo o conselho assinou.

Apesar dêsse poder,
Que tinha desde o momento,
Para fazer, desfazer,
Tudo a seu gôsto e contento,
Só seria coroado
No dia do casamento.



Enéias que era agora
O "conde Eli Monteval",
Accelerou os festejos
Para o cerimonial
Nobre da celebração
Do ato nupcial.

Baixou um decreto-lei,
Válido em tôda a nação,
Convidou o povo todo
Para como obrigação
Assistir o casamento,
Na sua coroação.

A noticia explodiu logo
Como uma dinamite,
Estabelecendo que
A lei só dava um palpite:
Pagaria com a vida
Quem faltasse a êsse convite.

Os mensageiros da côrte,
Cumprindo àquela vontade,
Saíram de casa em casa
E de cidade em cidade,
Pessoalmente entregando
A ordem da majestade.

Foi assim que um mensageiro
Uma tarde foi chegado
Naquela pobre choupana
Do velho Simão Machado,
Entregou o seu convite,
Ele ficou espantado.

Lembrou-se logo de Enéias,
Do episódio vivido,
Porém lhe chegou na mente
Que o filho tinha morrido,
Assim o seu prognóstico
Não seria acontecido.

Enéias tinha lhe dito
Que por uma obrigação,
Ele havia de beijar
Seus pés de joelhos no chão
Com tanta vergonha que
Nem lhe fitava a feição.

Porém agora não tinha
Isso mais razão de ser,
Enéias estava morto
Não podia reviver,
Como era que a profecia
Poderia acontecer?

Chamou Salomé e disse:
— Eis aqui um convite-lei,
Chame os meninos e vamos
Fazer o quê eu não sei,
Porém cumprir uma ordem
Do nosso futuro rei...

Enquanto o velho Simão
Atravessava às cidades,
Levando a família em busca
Das grandes festividades,
Lá na côrte começavam
As reais solenidades.

A Capital do país
Estava solenemente
De ponta a ponta enfeitada,
Superlotada de gente
Vinda de tôdas as partes,
Cumprindo a lei fielmente.

Por ordem do "conde" noivo,
Dois secretas destacados
Seguiam o velho Simão,
Seus passos eram contados,
Todos os seus movimentos
Para a côrte eram levados.

Já tudo pronto, o cortêjo
Marchou para a catedral
Onde Enéias recebeu
A bênção nupcial,
Muito embora usando o nome
Do conde Eli Monteval.

Os noivos abençoados,
Depois da celebração,
Enéias de frente erguida,
Foi feita a coroação,
Quando ficou consagrado
Senhor de tôda a nação.

Nesse momento solene,
 Um grito do povo emana:
 — Viva o nosso nôvo rei,
 Viva a nova soberana,
 Viva a nação que renasce
 Numa hora mais humana.

Findas as solenidades,
 Na famosa cathedral,
 O cortêjo dirigiu-se
 Para o palácio real
 Aonde seria dado
 Na festa o toque final...

Que era o grande desfile,
 Todos em fila formados,
 Passando de frente ao rei
 Quando lhe eram apresentados
 Os cumprimentos finais,
 Por todos os convidados.

O rei sentado no trono
 Desfilando a multidão
 Cada um chegando em frente
 Tinha por obrigação
 Curvar-se, beijar-lhe os pés,
 Com os dois joelhos no chão.

A cada um o rei dava
 O documento da sorte,
 Um cartão timbrado que
 Servia de passaporte,
 Quem não o adquirisse
 Teria a pena de morte...

Porque depois de três dias,
 Dentro de tôda a nação,
 Não comprava nem vendia
 Quem não tivesse o cartão,
 Nem podia viajar
 Em nenhuma direção...

Assim que se aproximaram,
 Cumprindo as ordens reais,
 O velho Simão na frente,
 Mulher e filhos atrás,
 O rei não deu o cartão
 Nem ao pai nem aos demais.

Beijando os nés do monarca,
Todos de joelhos no chão,
Assim que foram saindo
Sem receber o cartão,
Foram presos e trancados
Num luxuoso salão.

O velho disse: — Meu Deus,
O que foi que nós fizemos?
Cumprimos tôdas as ordens,
Nenhum crime cometemos,
Porém tudo indica que
Sem remissão, morreremos.

Nesse instante penetraram
Seis criados na prisão
Com bandejas de comida
Vinhos finos do Sião,
Foi servida aos quatro presos
Uma lauta refeição.

Assim passaram três dias
Com almoço, janta e ceia,
Dormindo em camas de ébano,
Sem ver uma cara feia,
Salomé disse: — Nós vamos
Morrer de harriga cheia.

Simão disse: — Minha velha,
Não queira fazer chalaça,
Nosso filho era um ladrão,
Um crime que nunca passa,
O rei quer matar nós todos
Para acabar com a raça.

Depois de tudo, o monarca
Foi ver os prisioneiros,
Entrou no salão levando
Testemunhos verdadeiros,
Os sogros e Serafina,
As damas e os conselheiros.

O rei disse: — Meus senhores,
Aqui há um grande enrêdo,
Sòmente Simão Machado
Pode quebrar o segrêdo:
— Velho conte a sua vida,
Não minta nem tenha mêdo.

Fale sem titubear,
 Diga quantos filhos tem,
 Onde mora, de que vive,
 O que deseja também,
 Isso tudo sem mentir,
 Se quiser sair-se bem.

O velho pensou consigo:
 Não tenho mais salvação
 Mas, para o homem que luta,
 A desgraça é ser poltrão,
 Contou tudo até do filho
 Que morreu como ladrão.

Enquanto o velho falava,
 Todos na sala choraram,
 Os quatro prisioneiros
 As vistas não levantaram,
 Duas bonitas araras
 Numa janela pouçaram.

Os passarinhos disseram,
 Cantando um hino de glória:
 — Encias, para o seu bem,
 Acabe com essa história,
 Transforme a dor dêste velho
 Na coroa da vitória.

A não ser o nôvo rei,
 Dali ninguém entendeu
 A conversa das araras,
 Quando Encias respondeu:
 — Senhor Simão, o seu filho
 Nem foi ladrão nem morreu.

Simão levantou os olhos,
 Fitando o rei, assombrado,
 Sem reconhecer o filho,
 Perguntou muito espantado:
 — O que vossa majestade
 Sabe do que foi passado?

O rei respondeu: — Sei tudo
 Da maneira que se deu,
 E contou pausadamente
 Tudo como aconteceu,
 Desde que saiu de casa
 Até que o conde morreu.

Disse como tinha feito
A troca da identidade,
Pelo aviso das araras,
Descreveu tôda a verdade.
Até quando recebeu
O cetro da majestade.

O velho Simão chorando
Disse: — Meu filho querido,
Tudo quanto você disse
Nesta hora foi cumprido,
Beije os seus pés de joelho,
Meu orgulho foi punido.

Abraços e mais abraços,
Todos ali se abraçaram,
Num momento comovente,
Muitos de prazer choraram,
Com pedidos de perdão,
Entre si se perdoaram.

O conde Eli Monteval
Morreu como traidor,
Seu nome foi esquecido,
Enquanto o nôvo senhor,
Enéias Machado, o rei,
Foi viver para o amor.

Tôda a família de Enéias
Teve um tratamento fino
E os habitantes do reino
Com o ex-monarca Agripino.
Foi aí que terminou
“O Castigo do Destino”.

As araras foram embora,
Lindas, fazendo sinais...
Muito ajudaram deixando
Enéias entre os seus pais,
Imensamente aplaudido,
Deu graças ter aprendido
A língua dos animais.

VOCÊ DEVE LER?!

O mundo moderno oferece novos veículos de educação. O rádio e a televisão levam aos mais distantes recantos do mundo, sons e imagens de todos os acontecimentos.

Mas a pedra básica da educação ainda repousa sobre os livros. São os melhores amigos. Qualquer livro bom. Qualquer leitura sadia. Tanto uma obra filosófica, pesada e grandiosa como a simples literatura em versos.

A literatura em versos, ou literatura de cordel, é a que mais encontra penetração, por ser mais suave, mais fácil de assimilar e mais gostoso de ser lida, pois ela nasce da alma do povo. Nela, além das idéias, encontramos o embalo dos versos e o éco das rimas. Seus autores são homens simples, que refletem no trabalho o sabor inconfundível da vida e da poesia que existe nos temas mais belos, por vêzes até mesmo ingênuos. São livros preciosísimos que podem alegrar qualquer tipo de espírito.

Por isso, não nos custa ler mais e mais. Ler sempre para alimentar o que temos de precioso: aquilo que é a verdadeira essência do ser humano: o espírito.

Nas páginas dos livros desfilam paisagens bem descritas, situações maravilhosas, tesouros infinitos de conhecimento, variedades incalculáveis de novas palavras e ensinamentos essenciais. Os únicos monumentos que o tempo não consegue destruir nem corroer são os construídos pela mente humana. São os feitos com o espírito. O ferro, o mármore e o bronze desgastam-se com o passar dos séculos. Mas há um atualismo indestrutível em tudo que foi construído com o espírito, com o material eterno das idéias. Por isso, um dos nossos grandes poetas, Castro Alves, recomendou num dos seus mais empolgantes poemas:

“Ah! Bendito quem semeia
Livros, livros a mancheias
e faz o povo pensar.
O livro caindo na alma
É fôlha que faz a palma,
é chuva que faz o mar.”

48-13

VOCÊ SABE PROCURAR A POLÍCIA EM SEUS INÚMEROS SETORES, PRINCIPALMENTE COM RESPEITO À NATUREZA E O LOCAL DA OCORRÊNCIA?



VOCÊ SABE PROCURAR O SERVIÇO MÉDICO GRATUITO (PRONTO SOCORRO), SOBRETUDO EM SE TRATANDO DA NATUREZA DO EVENTO?

VOCÊ POSSUI, EM SUA RESIDÊNCIA, OS ENDEREÇOS E TELEFONES DE MAIOR EMERGÊNCIA?



VOCÊ SABE TRATAR DE SEUS DOCUMENTOS, INCLUSIVE AQUELES QUE SÃO EXPEDIDOS PELA POLÍCIA, SEM TER DESPESAS COM INTERMEDIÁRIOS? VOCÊ SABE PREVENIR-SE CONTRA AS ARTIMANHAS DOS MALANDROS ESTELIONATARIOS?

VIVA COM MAIS SEGURANÇA SENDO BEM INFORMADO TENDO SEMPRE À MÃO O

MANUAL PRÁTICO

SOCIAL — MÉDICO — POLICIAL

A venda em todas as livrarias, ou diretamente na
EDITORA PRELUDIO LTDA. - R. Ipanema, 772 - Fones: 92-7613 e 93-1374 - São Paulo-6
No centro da cidade de São Paulo: — Distribuidora Lamana, à Rua do Seminário, 177